

DOENÇAS CRÔNICAS E A PESSOA IDOSA NA PANDEMIA DO COVID-19: DADOS COLETADOS EM UMA INSTITUIÇÃO HOSPITALAR

Jaime Coffi de Souza, discente de graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana

Cenir Gonçalves Tier, docente do curso de Enfermagem, Universidade Federal do Pampa

e-mail primeiro autor – jaimesouza.aluno@unipampa.edu.br

O envelhecimento da população é um fenômeno mundial, onde, historicamente a sociedade vem apresentando mudanças significativas na sua organização etária. Isso porque, enquanto a taxa de natalidade vem diminuindo ao longo das décadas, o crescimento da população idosa está aumentando, o que aponta como consequência da melhoria na qualidade de vida, dos avanços nos tratamentos de saúde, das novas tecnologias que prolongam a sobrevivência, entre outros, principais fatores que contribuem na longevidade da população. A Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta que, no mundo, no ano de 2020 havia 1,1 bilhão de idosos, e projeta que em 2100 serão cerca de 3,1 bilhões. O envelhecimento é um evento inevitável caracterizado por mudanças físicas, sociais e psicológicas que afetam cada pessoa de forma única. Para muitos, os anos extras possibilitam buscar novas atividades, novas experiências e mais educação. No entanto, muito depende de um fator, a saúde, isso porque, na maioria dos casos, a longevidade está associada às Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), que estão diretamente relacionadas ao envelhecimento. Notadamente, a DCNT é a doença mais associada à limitação, função prejudicada, produtividade reduzida, redução da qualidade de vida e, possivelmente, morte prematura. Nos últimos anos, uma pandemia de doença infecciosa denominada Coronavírus Disease 2019 (COVID-19), cujo agente causador é a síndrome respiratória aguda grave coronavírus 2 (SARS-CoV-2) (OMS, 2020), e neste caso, pessoas idosas são o grupo de maior risco. Estudos recentes indicam que o risco de morrer de COVID-19 aumenta com a idade, pois a maioria das mortes ocorre em pessoas idosas, especialmente aquelas com condições de saúde crônicas. À medida que o sistema imunológico degenera naturalmente com o envelhecimento, a suscetibilidade a doenças infecciosas aumenta, e pacientes com doenças crônicas têm prognóstico ruim. A COVID-19 pode-se apresentar desde a forma assintomática até formas graves com importante comprometimento do sistema respiratório. Os sintomas podem ser compostos principalmente por febre, tosse seca e dispnéia e com possibilidade de complicações, como pneumonia, síndrome respiratória aguda grave e óbito. Teve-se como objetivo levantar os dados relacionados à internação de pessoas idosas pelo COVID-19 em um hospital público de um município da Fronteira do Rio Grande do Sul. Para serem incluídos os dados, foram analisados a idade, gênero, faixa etária, comorbidade e diagnósticos médicos segundo o Código Internacional de Doenças (CID). Caracteriza-se como pesquisa quantitativa, descritiva realizada no Serviço de Arquivamento Médico e Estatístico (SAME) de um hospital da fronteira oeste do Rio Grande do Sul com dados secundários de idosos internados notificados pelo COVID-19 de março de 2020 a março de 2022. Foram avaliados os prontuários por dia de internação, extraindo diversas informações tanto na evolução dos profissionais de enfermagem quanto nas prescrições. Também identificou-se o tempo médio de internação (TMI) de pessoas idosas internadas pela COVID-19. Como resultados teve-se

dos 124 participantes, (n=61; 51%) do sexo feminino tendo com maior prevalência de idade entre 60 e 69 anos. Das pessoas idosas acometidas pelo vírus, (n=48; 39%) não possuía nenhuma doença crônica, contudo, (n=75,4; 61%) apresentou com prevalência, diagnósticos de Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e 22 (17%) diagnóstico de *Diabetes Mellitus* (DM). Conforme os registros (n=46; 37%) dos pacientes com diagnóstico de COVID-19 possuíam algum tipo de doença crônica e, os mesmos se recuperaram da COVID-19 e tiveram alta. A internação ocorreu entre sete a 13 dias. Contudo, (n=32; 25%) das pessoas idosas acometidas por HAS e DM vieram a óbito devido complicações e agravo do caso clínico. Destaca-se que foi recomendado pelas Diretrizes Brasileiras para Tratamento Hospitalar do Paciente com COVID-19 o uso de medicamentos anticoagulantes e corticosteróides, na instituição a qual foi realizada a pesquisa, o uso comum de Enoxaparina 40mg, Ceftriaxona 1g, Metilprednisolona 500 mg, Dexametasona 4 mg, Cloroquina 150 mg e Azitromicina 500mg. Diante do contexto ora apresentado, faz-se necessário salientar que a letalidade da Covid-19 é acentuadamente superior entre a população idosa (em torno de 70% dos óbitos correspondem a pessoas de 60 anos ou mais). Neste sentido, deve-se investir mais em educação em saúde com a população em geral para que hábitos de vida possam ser modificados e, doenças crônicas prevenidas, focando em um envelhecimento saudável e ativo.

Agradecimentos: Edital FAPERGS nº 02/2021 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e de Iniciação Tecnológica e Inovação PROBIC/PROBITI.

Palavras-chave: Idoso; Enfermagem; Gasto em Saúde; COVID-19.